

# Sobre imagens de professores: vazamento, transbordamento ou hibridismo?

About images of teachers: leak, overflow or hybridity?

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2022v40n86p119-134>

RENATA SIEIRO FERNANDES<sup>1</sup>

MARIA CELESTE DE SOUZA<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo tem como objetivo apresentar e analisar os tipos de processamento subjacentes à imagem evocada ou produzida por narrativas depoentes, a fim de refletir sobre os efeitos da cultura contemporânea na elaboração da identidade docente. Trata-se de pesquisa exploratória, descritiva e analítica, de abordagem qualitativa e de viés teórico no campo da Educação. Ela parte de imagens de professores reconhecíveis nas narrativas de dezessete homens e mulheres adultos, profissionais de diversas áreas, como exercício para se pensar a docência e o fazer docente. Os dados coletados foram agrupados segundo as categorias: seres humanos, seres não humanos e objetos do cotidiano. As análises tomam como referencial Bauman, Trevisan, Woodward etc. Conclui-se que o professor é uma figura composta de diversos traços que o aproximam de valores peculiares a certos seres da natureza, e de outros traços deslocados de outras profissões, papéis sociais e símbolos culturais. Ao professor não cabe uma imagem definitiva e acabada, ela é híbrida, vazante e transbordante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; leitura de imagens; educação.

**ABSTRACT:** The article aims to present and analyze the types of processing underlying the evoked or produced image, in order to reflect on the effects of the contemporary culture

1. Pesquisadora convidada do Instituto Superior de Ciências da Educação, Centro de Estudos Multidisciplinar “Eduardo Kambwa”, de Luanda-Angola.
2. Grupo de Pesquisa Linguagens na Educação-FE-USP, São Paulo, Brasil.

in the elaboration of the teaching identity. It is an exploratory, descriptive and analytical research, qualitative approach in the field of Education and theoretical bias. Part of images of teachers recognizable in the narratives of seventeen men and adult women, professionals from various social, human, technical and artistic areas, including teachers, as an exercise to think about teaching and teaching. They were grouped, thematically, according to the categories: human beings, nonhuman beings and daily objects. The analyzes take as referential Bauman, Trevisan, Woodward among others. It is concluded that the teacher is a figure composed of several traits that bring him closer to values peculiar to certain beings of nature to other displaced people of other professions, social roles and cultural symbols. The teacher does not fit a final and finished image, it is hybrid, ebb and overflowing.

**KEYWORDS:** Identity; image reading; education.

## INTRODUÇÃO

Acontece que o mundo é sempre grávido de imenso. E os homens [e as mulheres], moradores de infinitos, não têm olhos a medir. Seus sonhos vão à frente de seus passos. Os homens nasceram para desobedecer aos mapas e desinventar bússolas. Sua vocação é a de desordenar paisagens (COUTO, 1991, p. 167).

As imagens captadas pelo olhar nem sempre se registram como totalidades. Elas resultam de extravagantes composições de fragmentos que se misturam entre si e a outras imagens já registradas com as quais são compostos significados cabíveis no presente ou à reorganização do passado. O movimento incessante é próprio da dinâmica das percepções que se conforma à substancialização temporária e evanescente da realidade.

Esse processo produz uma experiência semelhante àquela do caleidoscópio, aparelho óptico cujo movimento causa o rearranjo dos fragmentos, soltos no interior de um tubo espelhado, produzindo efeitos visuais diferentes. Essa semelhança explica a tendência pessoal de “congelar” momentos e situações, preservando determinados aspectos necessários ao processo de análise e interpretação do real. (FERNANDES; PARK, 2010)

Assume-se, então, que o conhecimento é caleidoscópico e que as imagens que o compõem são recortes momentâneos que se fazem na tentativa de buscar entendimento sobre a realidade, e daí, são tomadas imagens de professores reconhecíveis nas narrativas de pessoas adultas, profissionais de diversas áreas, incluindo docentes, para o exercício de se pensar a docência e o fazer docente.

A proposta deste artigo é apresentar e analisar os tipos de processamento subjacentes à imagem evocada ou produzida a partir dessas narrativas, a fim de refletir sobre os efeitos da cultura contemporânea na constituição da identidade docente.

O poema do moçambicano Mia Couto, que aparece na epígrafe, anuncia que o mundo “é sempre grávido de imenso”, levando a reconhecer que o mundo jamais estará pronto e nem será definitivo, porque tem imensidão de sobra. Quanto à humanidade, o eu-lírico afirma que lhe cabe viver nesse infinito, afirmando sua vocação de desobediência aos mapas e aos instrumentos como a bússola, inventados para orientar direções objetivas. Desobedecer é um modo de fazer parte da criação permanente desse pequeno quinhão de universo que é o mundo, cujas paisagens são apenas ilusoriamente fixas. Os guias da inventividade humana são os sonhos e estes são imagéticos.

## DESENVOLVIMENTO

Diferentemente de quase todos os outros profissionais, professores se formam em ambiente conhecido e vivenciado desde a infância: a escola. Essa condição exerce forte influência na constituição identitária desses sujeitos, que desempenham suas funções em situação de extrema visibilidade. O tempo todo, professores e professoras estão sob a mira de algum grupo: sua turma de estudantes, gestores, pais, e, ao final do longo percurso do olhar, a sociedade em geral.

Todo estudante compõe de seus professores imagens com as quais identifica certo modo de ser professor e certo modo de se relacionar com uma figura que se encontra em uma situação diferente da sua, tanto em termos hierárquicos quanto em termos de familiaridade. Essa imagem é, ao mesmo tempo, resistente mas também mutável, à medida que a relação se torna costumeira, cotidiana, e as pequenas mudanças se tornam imperceptíveis ou a figura/professor deixa de ser interessante para o aluno/observador.

De algum modo a imagem do professor nem sempre se atualiza, conscientemente, no presente. Essa atualização se dá em retrospecto e quase sempre quando o aluno alcança a vida adulta e passa a compreender a figura do professor com parâmetros mais aproximados. Agora, os momentos, os fragmentos de experiência que compõem o material dinâmico do caleidoscópio são elementos da memória do aluno no contexto relacional/situacional da aula ou escola em que ele e o professor estão investidos dessas identidades particulares e funcionais.

Assim, as lembranças fragmentadas constituem células/bolhas de impressões, emoções e interpretações que misturam a imagem do professor à do aluno que se

foi, à experiência que a escola/sala de aula representou e aos modos de aprendizagem e auto-conhecimento. Consequentemente, o caleidoscópio põe em movimento uma série de fragmentos próprios da constituição subjetiva que comprometem, positiva ou negativamente, a imagem dos professores. Essa distorção, própria das ondulações da experiência temporal, pode se propagar como discurso sobre o ser professor e incorporar-se na prática docente daqueles que optaram pelo magistério.

Por outro lado, concorrem com essa imagem calcada na experiência as imagens construídas historicamente. Assim, as figuras de linguagem com as quais, por exemplo, os professores são descritos na literatura podem se misturar às representações individuais, criando novas distorções, idealizações ou estereótipos que afetam novas representações em um contínuo sem fim.

É imprescindível considerar o fato de que nas sociedades ocidentais, desde as suas origens na Antiguidade, a escola tem função estruturante, sendo responsável pela formação (no sentido de humanização, socialização e subjetivação) dos sujeitos e pela universalização de valores éticos.

É por meio de processos e práticas educativas permeados pela cultura de determinados lugar e época que se traçam os principais projetos políticos societários. Assim, não é à toa que muitos e diferentes olhares procuram esquadrihar as figuras do professor. Em contrapartida, os observadores não saem ilesos do esforço do olhar, pois professores e professoras impressionam e influenciam, deixando múltiplas e diversas marcas em seus observadores. Ao final, e paradoxalmente ao que afirma o discurso comum, essa é uma profissão atraente.

A rigor, o olhar não busca a pessoa do professor na superfície da imagem. A visão espera encontrar o conhecimento e seus alojamentos a fim de que se possa achar uma passagem até ele. Nesse sentido, a relação entre ensinar e aprender fundamenta a construção da profissão de professor, ainda que pouco se aceite que apenas o aprender aconteça, pois que não é possível se ensinar diretamente alguém. O conhecimento resulta de compartilhamentos, de diálogos interessados e não do ensino propriamente, visto que os caminhos até o saber são muitos e incontroláveis, e, quiçá, desconhecidos (KOHAN, 2003, p. 232).

Assim, verifica-se que a constituição da imagem de professor, entendendo que se trata de um exercício de leitura imagética, associa-se a uma ausência de determinação de caminhos, abrindo espaço e possibilidade para o surgimento de algo novo, um acontecimento.

É inegável que a identidade profissional do professor se formula, entre outros aspectos, a partir da tensão entre modelos contrários de atuação, cuja pertinência reside em concepções, também contrárias, de mundo, de humanidade e de conhecimento. De um lado, estão aqueles que concebem o professor como sujeito que detém e distribui o conhecimento segundo critérios próprios, aos quais só ele tem acesso. De outro, estão aqueles que concebem o professor como parceiro de viagem a descobrir e reconhecer paisagens ou como alguém que realiza aproximações entre desconhecidos (um sujeito e vários outros ou um sujeito e vários objetos, por exemplo).

Todavia, a identidade não é afetada apenas pelas contradições, mas pelas nuances que as oposições, costumeiramente, produzem. Nesse sentido, é cabível supor que a identidade seja feita de reorganizações de representações integrais, mas também de aproveitamentos de atributos recortados dessas integralidades ou de fragmentos representacionais que se conformam involuntariamente.

De acordo com Woodward (2014, p. 18),

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e sistema de representações constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Assim, pode-se dizer que as imagens criadas, com as quais se estabelecem relações e diálogos produtivos a fim de se construir sentidos para as ações e posturas interferem e modificam nossa identidade.

Todavia, é forçoso lembrar com Bauman (2005) que a identidade não é algo a ser descoberto, mas a ser criado, e que o esforço dessa invenção resulta sempre em algo precário, como uma obra inconclusa. Sem dúvida, essa realidade é um dos traços mais perturbadores da contemporaneidade. O fato de nos constituirmos, pessoal e profissionalmente, em circunstâncias movediças exige adaptações profundas que incluem a incômoda constatação do caráter impermanente e efêmero da realidade.

Ora, pergunta-se àquele que se vê envolvido na tarefa complexa de acompanhar a formação de crianças e jovens, o que é ser professor? As respostas, longe de promover uma acomodação reconfortante, põem em movimento um amplo conjunto de ideias e imagens acumuladas, muitas vezes sem muita consciência e organização.

Tudo indica, por conseguinte, que as representações que o professor, sujeito/pessoa, faz do ser-professor-profissional sejam afetadas por múltiplas dimensões, que vão desde a superfície formal das imagens resguardadas em sua memória, até diferentes aspectos das imagens mentais com as quais se configuram os discursos acerca desse profissional. Em todo caso, porém, a totalidade, o acabamento e a fixidez são afetados pela ruptura, pela recomposição e pela reconstrução.

Em outras palavras, o professor não tem uma imagem emblemática, facilmente recuperável e com a qual se possa criar identidade. O professor é uma figura que se transforma historicamente e seus traços são modificados em razão de anseios e expectativas sociais e políticas. Além disso, novas ideias acerca do ensino e do papel do professor, desenvolvidas no campo próprio da educação, afetam a imagem por meio de projeções.

Assim, a imagem do professor como foi construída na tradição já não se sustenta na contemporaneidade. Por efeito de sobreposição, essas imagens completas e acabadas, quase retratos, vão sendo modificadas por recortes e fragmentos colhidos em diferentes experiências e momentos da vida escolar e profissional. Observar essas imagens e tentar extrair delas possíveis sentidos é um exercício de leitura imagética.

Charlot (2018), em seu artigo “As figuras do diabo no discurso pedagógico”, traz imagens que oscilam entre as figuras do santo/angelical e a do diabo/demoníaco, as quais, por extensão, associam-se aos desejos (o que se quer fazer) e às normas (os deveres sociais e culturais).

Dessa perspectiva, o professor pode ser um tanto militante, herói ou santo, por “ter feito um pacto com o Bem” (CHARLOT, 2018, p. 17) ou pode ser o tentador, o sedutor e o rebelde, logo, um diabo. A figura do diabo encontra um espaço pedagógico na discrepância, defasagem ou desajuste, “entre o projeto do bem e seus efeitos contrários e até perversos” (CHARLOT, 2018, p. 18). Assim, a ação do professor é sempre negociação entre esses dois polos.

Em sua argumentação, o autor aproxima as figuras dos genitores (mãe e pai) à do professor. Ele considera que há uma interação entre essas figuras pela via da projeção de desejos, os quais, necessariamente, sofrem controles e interdições decorrentes das normas. Essa tensão de forças está na base das negociações conflitivas, porque afeta, diretamente, as imagens sociais assimiladas tanto àquelas da boa mãe e do bom pai quanto à do bom professor, e todas se confrontam e se chocam com os seus contrários: o/a mau/á pai/mãe e o/a mau/á professor/a.

Diz ele que, “ao lado da imago da mãe boa que nutre e dá carinho, existe a imago da mãe má, aquela que, inevitavelmente, não responde de imediato à demanda e,

portanto, frustra” (CHARLOT, 2018, p. 21). Se mãe boa, é fada, se mãe má, é madrasta, como consta do imaginário dos contos de encantamento.

O mesmo se dá com o professor, pois ele tanto pode influenciar e conduzir para qualquer caminho, moralmente reconhecido como bom ou mau, como pode agir de modo angelical ou demoníaco em razão da profusão ou do amansamento dos sentimentos com que reage aos estudantes quando aderem ou quando se rebelam à sua condução.

Como “a educação não é o produto direto da ação do educador, [mas] resultado da ação do educando, influenciada pela ação do educador” (CHARLOT, 2018, p. 18), nem sempre o educando pode corresponder às normas, porque sua atividade intelectual, com vistas à construção de sua subjetividade, luta em favor da satisfação de seus desejos.

Charlot (2018) se vale, também, de outras imagens, evocadas por outros autores, associadas ao papel de professor, como a do xamã e a da curandeira, pois ambos podem usar seus feitiços com finalidades benéficas ou maléficas. O autor relaciona, ainda, o professor à figura do cientista que busca a cura dos males da humanidade, sendo um herói do saber, mas que também pode ser o manipulador perverso do conhecimento a causar destruição e medo. Nos dois casos, as forças contrárias do maniqueísmo tradicional entram em jogo na composição da imagem do professor e levam a perceber que há nessa figura uma enorme potência capaz de abarcar as projeções inevitáveis à constituição subjetiva.

Inegavelmente, os conflitos oriundos da conformação às normas sociais e à assimilação de valores culturais ocupam lugar central nos processos de elaboração da identidade pessoal, porque o auto-reconhecimento só é possível pela intermediação do olhar do outro.

Por outro lado, as imagens não se compõem como totalidades e as marcas polares vão se imiscuindo nos fragmentos que irão se combinar e recombinar no caleidoscópio, gerando figuras em que as contradições não serão vistas ou percebidas como incoerências comprometedoras da integralidade.

Reposicionando a análise das figuras associadas à de professor, encontra-se outra vertente, em que as representações se originam de funções sociais tradicionais ligadas à ideia de sabedoria. Nessa condição, encontram-se as imagens do sábio ancião, do mestre, do profeta e, mais uma vez, do xamã.

O professor-profeta é detentor da verdade e por isso concede o acesso a ela somente àqueles que o seguem no caminho traçado, sem transgressões no percurso (FERNANDES; PARK, 2010).

Já o professor associado ao xamã é confundido com aquele que é escolhido pela comunidade para a função sacerdotal, capaz de invocações mágicas, curativas ou divinatórias. Nessa perspectiva, o professor seria alguém que cria e mantém os rituais de agregação e de encaminhamentos (KARNAL, 2016, p. 12).

Outras associações aproximam o professor da imagem de figuras de sabedoria, próprias das sociedades tradicionais: o guardião, o moralista e o terapeuta (ILLICH, 1985).

Nessas imagens do professor-guardião, professor-moralista e professor-terapeuta, trazidas por Illich, a associação direta é com aquele que normatiza e invade a subjetividade das pessoas, conduzindo-as por caminhos esperados e aceitos, exigindo-se delas subserviência e adesão.

A essas imagens aproximativas do professor à figura do sábio tradicional cujos conhecimentos são incontestáveis por chegarem a ele de uma fonte divina, associa-se outra, nada excelsa e bastante sinistra, que é o professor-Frankenstein. Esta criatura incapaz de autonomia e liberdade está permanentemente vinculada ao criador que comanda seus atos e pensamentos (MEIRIEU, 1998).

De outro ponto de vista, Deleuze associa a imagem de professor à do ladrão de pensamentos que Bob Dylan se atribui,

O filósofo cita um poema de Bob Dylan (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 15-17), no qual ele se diz um “ladrão de pensamentos”, alguém que coloca tudo aquilo que encontra em um saco, para utilizar – ou não – um dia ao compor uma canção. Deleuze diz que o professor faz a mesma coisa: coleciona encontros, pensamentos, textos, coisas, para misturar tudo na produção do pensamento, na preparação de uma aula (GALLO, 2012, p. 184).

Assim, à imagem do professor se fundiria a imagem do compositor musical, um artista que lida com afetos e percepções. O professor seria um modo de ser artista.

Trevisan et al. (2013) elaboram duas interessantes imagens-sínteses: a de professor-alquimista e a de professor-viajante. Com essas duas imagens, abre-se uma possibilidade de reflexão sobre certo deslocamento da situação da produção de conhecimento na atualidade: o alquimista se encontra nas ruínas da história da ciência, em conexão com a magia e a criatividade; e o viajante é o *flâneur*, ou aquele que usufrui de seu tempo livre, de ócio, em desacordo com um sistema exigente de alto nível de produtividade em ritmo constante.

Nesse breve apanhado de certas figuras que acompanham os discursos acerca do trabalho do professor não há intenção de se categorizarem as imagens que



procuram substanciar a profissão de professor, mesmo porque este artigo caminha para pensar possíveis modos de ser professor, considerando que imagens circulantes no âmbito social e ratificadas historicamente criam representações que afetam a autoimagem desse profissional.

Não sendo nem boa nem má, pode-se dizer que a educação serve a diferentes propósitos e participa da formação das pessoas em diferentes vieses. Desse modo, a figura de professor poderá oscilar entre extremidades opostas baseadas em valores morais, hegemonicamente aceitos, como é o caso da ideia de bem e de mal ou de papéis sociais originários da tradição. Entretanto, as imagens recolhidas para este estudo exploratório se mostram variantes, cambiantes, para além das polaridades; elas são híbridas, vazam e transbordam, compondo os fractais do caleidoscópio.

#### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados construídos para a análise sob a abordagem qualitativa foram extraídos de uma amostragem de narrativas de pessoas que compuseram uma rede de contatos e que atenderam ao pedido de enviar suas narrativas argumentativas, por via escrita, a partir de um mote: que imagens te remetem à figura do professor?

As narrativas escritas, totalizando uma amostra de dezessete depoimentos, foram produzidas por homens e mulheres (em sua maior parte), com formações diferenciadas desenvolvidas em longos percursos escolarizados (mas não só), como: filósofos, jornalistas, sociólogos, secretários, terapeutas ocupacionais, dançarinos e uma maioria de pedagogos. Há, portanto, narrativas que trazem repertórios de imagens de professores oriundos de profissionais das áreas sociais, humanas, técnicas e artísticas.

A partir do recebimento das narrativas se compôs o banco de informações. Os conteúdos foram tabulados e identificados por gênero, nível de escolaridade e formação profissional, como recurso para facilitar a disposição e o cruzamento de informações e possíveis leituras a partir desses indicadores, que, no entanto, não se mostraram relevantes.

A tentativa seguinte foi se fixar nas imagens evocadas e buscar algum tipo de aproximação e afastamento entre elas, identificando variações e persistências, visando constituir grupos temáticos, para, então, fazer o exercício de mergulhar no imaginário e arriscar interpretações válidas, mas sem a pretensão de representatividade.

As imagens foram agrupadas tematicamente, no sentido das referências análogas evocadas. A partir desse exercício foram elencadas três categorias: a) seres

humanos (pessoas familiares, fraternas e profissionais), b) seres não humanos (animais) e c) objetos do cotidiano, que são apresentadas e exploradas a seguir.

Os excertos de narrativas apresentados e analisados são referenciados por iniciais que se referem aos depoentes e permitem a garantia do anonimato.

#### O QUE RETRATAM AS NARRATIVAS? OU, A LEITURA IMAGÉTICA

Nas imagens de seres humanos aparecem, inicialmente, os profissionais, como o jardineiro, o que conhece a terra e como cuidar dela para que brotem e deem frutos as plantas, cultivando e proliferando a vida.

Essa imagem participa da história do professor quando é evocada por pensadores românticos e da Escola Nova, como Rousseau e Froebel, no século XVIII, na contramão da imagem de professor tradicional, que disciplina e corrige, vindo no outro não uma semente potente, mas uma folha em branco a ser preenchida por um projeto alheio, do qual ele não participa.

Associada à imagem de professor, outro profissional aparece: o operário, no caso, o operário da educação. A imagem do operário evoca o trabalho sobre algo a fim de ver surgir uma transformação a partir de uma materialidade que se sujeita ou resiste à ação humana. Não se trata de um rascunho passado a limpo, mas daquilo que vai surgindo no decorrer do tempo, indeterminadamente, e que, ao acontecer, gera surpresas.

Na imagem de médico evoca-se, também, a imagem de professor, porque ambos lidam com a vida. O médico transita, em seu fazer, entre a morte e a destruição e a vida e o renascimento, com responsabilidade física e biológica, âmbito em que o professor transita em dimensão simbólica, afetiva e emocional.

A imagem de professor também se aproxima da de psicólogo, porque “escuta, compreende e tenta resolver os problemas individuais e até da família; e também se aproxima da do filósofo, porque pensa, reflete, repensa, levanta hipóteses, testa, redireciona o trabalho e atitudes” (M. H. S.). A escuta sensível é marca fundamental do profissional da educação, bem como o cuidado e ajuda no sofrimento e nos problemas alheios.

O professor se aproxima ainda de duas imagens, como a de arquiteto, “porque faz projetos, trabalhos, cria estratégias e finaliza com grandes obras; e da empregada doméstica, porque está ali, no trabalho todo dia, organizando, ‘limpando’, ‘faxinando’ e nem sempre é reconhecido” (M. H. S.).

Em outros casos, o professor é visto como uma figura com dimensões variadas que se substituem ou se sobrepõem simultaneamente: “alguns dias o professor é

psicólogo (quando ouve os problemas, tenta resolvê-los e avalia sua própria postura), outras vezes é um pouco palhaço, ator, comediante. E também escritor, porque escrevemos e ajudamos a escrever várias histórias”. (M. S. P.)

Nessa abordagem, é cambiante a imagem do professor, que se aproxima de muitas outras ao mesmo tempo ou oscilando, dependendo da situação ou do dia, das condições ou dos ânimos.

Outra imagem associada à de professor é a de ator: “o local onde fica a lousa é o seu palco, a plateia são os alunos e, dependendo da peça, os alunos podem ser meros expectadores ou fazer parte da história, subir no palco, participar ativamente” (C. D. L.).

Na visão de um profissional do campo das artes, a imagem do professor se associa à do oferecimento de algo já pronto, de qualidade, para fruição e deleite, como forma de aprendizado estético e de convite ao novo, já que não há na dimensão artística passividade, mas ação sobre os repertórios, ainda que de forma onírica ou de devaneios. Ou, então, sugere-se uma obra em aberto, em processo, da qual os outros precisam participar para que ela aconteça, interagindo com imaginação, invenção, criação e improvisação.

Evoca-se, ainda, a imagem do maestro-regente, que organiza um coletivo em compasso para poder fazer acontecer a música, composta pela parcela-todo de cada um.

Há, também, a associação a um profissional do circo, ao lugar do surpreendente, do inimaginável, do arrebatador, que provoca arrepios de medo e delírios de satisfação pelo intencionado e pelo realizado, alcançando o impossível:

Pra mim, ser professor é ser equilibrista (...) porque o “fio” que faz acontecer todo o processo educativo é tênue, firme e frágil ao mesmo tempo e pode se romper a qualquer momento, por deslize, falha, descuido, falta de atenção. Entretanto, é nele e por ele que fazemos os caminhos de idas e voltas, de des(equilíbrio), de passos de dança, de cambalhotas, de piruetas (R. S. F.).

Ou, ainda, a imagem do mercador, pois “[o professor] tem que estar disposto a negociar conhecimentos, mas também tem que ensinar para a vida, como faz o avô com seu neto no filme ‘Tempero da Vida’, ensinando-o no dia a dia em um empório de temperos” (M. B. P.).

A qualidade da boa comida se alcança com a sensibilidade para a combinação dos temperos e especiarias, para não incorrer em sabores indigestos ou desagradáveis que provocam mal-estares e contrações involuntárias.

Em síntese, é reconhecível uma imagem resultante de uma mistura de várias representações sociais: “[o professor] reúne uma série de funções e qualidades que são comuns a outras profissões, mas esse *mix* é único” (O. R. de M. S.).

Na temática dos seres humanos aparecem, ao lado dos profissionais, os conviventes do universo familiar e próximo. As figuras parentais (maternas, paternas e fraternas) com quem se mantêm, em alguns casos, relações de proximidade, de vínculos de afeto e de empatia.

Quanto às imagens dos seres não humanos, ocorrem referências a insetos pequenos, que trabalham coletivamente.

Associam-se ao professor, ainda, as imagens de objetos simbólicos, como é o caso do anel (aliança), que evocam o compromisso e a responsabilidade. Ou a imagem da luz, que traz a ideia de vitalidade, de clareza em complementaridade às sombras, de esperança, de confiança, de força que renova e fecunda e, no caso do cristianismo, de manifestação do divino.

Essas novas representações e configurações do ser-professor já não partem de figuras emblemáticas e nem simbólicas da vida comunitária. O professor é figura composta de diversos traços que o aproximam de valores peculiares a certos seres da natureza, até outros, deslocados de outras profissões, papéis sociais e símbolos culturais.

Embora as imagens de animais e objetos apareçam com menor frequência em relação às de outros atores nas narrativas coletadas, elas ecoam persistências temporais, oriundas da Antiguidade grega, quando as imagens mais antigas de professores se associam a seres/animais mitológicos, híbridos ou não, como Quíron/Quirão e Fênix.

No eco da associação à imagem de outros atores, Santos (2013) se pergunta se o filósofo grego não é “o primeiro profissional da formação humana” (p. 15), e, posteriormente, a apresentação da “mais remota imagem que se tem de um ‘profissional da educação’” (p. 13), surgida nas escolas sofisticadas e forjada por Platão. E relembra, ainda, que na Idade Média, sob influência do cristianismo, a imagem do professor se confunde com a do sacerdote e do profeta – mais uma persistência temporal.

Todavia, as imagens evocadas nas narrativas pouco retratam o sujeito contemporâneo e suas vicissitudes. A identidade do professor pouco está descrita como uma condição de enfrentamento das questões próprias da problemática do reconhecimento, tão caro ao engajamento profissional. Ao contrário, algumas imagens sublimam a figura do professor, colocando-o em outro plano, deslocado do real. Por isso mesmo, a figura do professor tem algo de quimérico, utópico.

Ainda que uma das imagens se refira ao fio tênue que sustenta o professor em sua ação, correndo o risco de cair ou de voar, apontando para o que Charlot (2018) chama de bem e mal, angelical e diabólico, todas as demais imagens se referem ao professor em seu aspecto benéfico, conciliador, salvador, apontando para uma figura profética, uma ideia de essência de ser professor (um ideal a ser atingido) e não uma construção oscilatória, inacabada, de certo modo experimental.

Os fragmentos e parcelas de imagens que se movimentam no caleidoscópio criam efeitos visuais próprios das figuras e seres híbridos, como fractais ou hologramas que não resistem e são substituídos por outras formas contingentes, cujos contornos definidos e conteúdos preenchidos são apenas aparições. Essas imagens fugidias que não se deixam capturar estão sempre abertas a recomposições.

Em outros termos, pode-se dizer, das imagens que vêm à lembrança como remetentes à imagem do professor, que são ao mesmo tempo focais, resolvendo-se como núcleo e centralidade, como também resultantes dos efeitos periféricos que vazam e transbordam, inundando e transformando o núcleo. Nesse caso, a resolução formal da imagem se dá por deslocamentos em busca de contornos e margens, sem o que não há síntese significativa.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo se propôs a apresentar e analisar os tipos de processamento subjacentes à imagem evocada ou produzida a partir da figura do professor, refletindo sobre os efeitos da cultura contemporânea na constituição da identidade docente.

A partir deles é possível perceber que o alcance do sentido é sempre um processo complexo, que se desenvolve em condensações e dispersões sucessivas e irregulares; que toda leitura, por conseguinte, é realização circunstancial de um sentido precário, resultante da combinação de certos dados fragmentários associados por algum estímulo orgânico, puramente intelectual ou emocional. Nesse sentido, a experiência perceptiva é sempre caleidoscópica e as imagens produzidas se originam de aglutinações frágeis, cuja permanência está sempre ameaçada pelos movimentos voluntários ou involuntários do observador.

Nessa perspectiva, tudo está em permanente movimento e mudança. As forças plasmáticas criam e recriam imagens nas quais cada um pode se ver, temporariamente, refletido. Cada um aparece e desaparece como em um jogo de esconde-esconde. Nesse jogo, descobre-se, forçosamente, que se depende de outros que

reconheçam os vestígios das aparições e, dessa forma, esses mesmos vestígios sejam úteis nas reaparições, nos ecos, nas ressonâncias.

E esse exercício se dá não na tentativa hegemônica e totalizadora, mas no contra-fluxo, com ausência de desejo de maioria, ou, como escreve Gallo (2008) a partir de Gilles Deleuze, trata-se de *devenir-menor*, de escape ao instituído, de margem. Modos e imagens vazantes, transbordantes.

Professores são profissionais cuja formação não se completa, absolutamente, nos cursos de Pedagogia e Licenciaturas. Sua formação é um campo aberto onde o funcionamento é regido pelo diálogo, também aberto, com as formas do mundo e com os seus habitantes.

Ao professor não cabe uma imagem definitiva e acabada a ser perseguida com mapas e bússolas. Sua possível imagem é uma provocação, ou seja, um desafio, um chamar a si, para a amplitude de sua tarefa de vislumbrar o que está à margem e colocá-lo em movimento. Aliás, essa é uma boa imagem que não pode ser perdida: a daquele que vê (e se sabe) a menoridade, o que está à margem, fora do centro, no desvio, à deriva.

Certamente, os deslocamentos do centro para a borda tornam possíveis novas centralidades. Representar-se como lavrador, construtor, inventor é mais produtivo que representar-se como obra. Porque na primeira condição há um sujeito vivo e no outro há um acabamento, um produto. Como ensina Gadamer (1985, p. 38), “o auto movimento é a característica básica do que está vivo”.

O fato de a contemporaneidade marcar-se pela desestruturação das permanências e da fixidez torna possível pensar que a constituição identitária tenha se tornado uma pulsação que assimila as diferenças. Retomando Woodward (2014), percebe-se que há elo entre representações e identidades e que esta, necessariamente, assume o aspecto relacional, social e simbólico.

Isso reafirma o que Hall (2014) e Bauman (2005) apontam, que as identidades são ambíguas e oscilam na maior parte do tempo, fruto das relações interpessoais e sociais, redefinindo-se, constantemente, com fragmentos juntados, justapostos, hibridizados, renovados, como um quebra-cabeça montável e desmontável (ou como um caleidoscópio, como se propõe aqui).

Assim, as imagens e representações sociais só podem ser híbridas, porque há nelas algo que resiste, condensando-se, para enfrentar os cruzamentos com as interveniências inevitáveis das relações e dos contatos.

Sem dúvida, ser professor na atualidade implica aceitar essa realidade da condição humana em si mesmo e nos outros. A possibilidade maior de realizar a potência

simbólica dessa profissão está na abertura, na capacidade de se espantar com a imensidão, evitando o desejo de criar limites. Nessa condição de condutor rumo ao desconhecido é que professores ocupam o espaço imaginativo de seus alunos.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CHARLOT, B. As figuras do diabo no discurso pedagógico. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 56, n. 48, p. 14-31, abr./jun. 2018.
- COUTO, M. **Cronicando**. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.
- FERNANDES, R. S.; PARK, M. B. Educação e conhecimento: a torre de Babel, o caleidoscópio e o novo. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 4, p. 126-143, 2010.
- GALLO, S. Anarquismo e educação: os desafios para uma pedagogia libertária hoje. **Política & Trabalho**, n. 36, p.169-186, abril de 2012.
- GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GADAMER, H. G. **A atualidade do belo: a arte como jogo, símbolo e festa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1985.
- KARNAL, L. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2016.
- KOHAN, W. O. **Infância**. Entre a Educação e a Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- MEIRIEU, P. **Frankenstein educador**. Barcelona: Editorial Laertes, 1998.
- SANTOS, G. B. dos. Usos e limites da imagem da docência como profissão. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, p. 11-24, jan./mar. 2013.
- TREVISAN, A. L. et al. Filosofia da educação e imagens de docência: o professor viajante ou alquimista? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, p. 121-141, jan./mar. 2013.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 20-14.

## SOBRE AS AUTORAS

**Renata Sieiro Fernandes** possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (1993), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998), doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005) e pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2016). Membro do grupo Educação, Linguagem e Práticas Culturais – PHALA/UNICAMP. Pesquisadora convidada do Instituto Superior de

Ciências da Educação, Centro de Estudos Multidisciplinar “Eduardo Kambwa”, de Luanda-Angola.

*E-mail:* rsieirof@hotmail.com.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2759-143X>.

**Maria Celeste de Souza** é doutora e mestra em Educação na área de Linguagem da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e graduada em Letras-Português pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tem larga experiência profissional na educação básica, especialmente no Ensino Médio. Atualmente, presta assessoria técnico-pedagógica em redes públicas e privadas de educação básica, especialmente em projetos de formação continuada de professores de língua portuguesa e suas literaturas. Fora da educação escolar, tem organizado e conduzido círculos de leitura e de escrita em projetos sociais e comunitários. Como pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagens na Educação, seus interesses de pesquisa estão voltados para as questões de ensino e aprendizagem da produção de textos escritos, particularmente de narrativas em prosa, que exigem uma aproximação da literatura e dos conhecimentos produzidos no campo literário.

*E-mail:* mcels@usp.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0747-4407>.

*Recebido em 19 de abril de 2022 e aprovado em 17 de novembro de 2022.*